

Uma abordagem não centrada na mídia das relações entre mídia e conflito: resenha de *Theorising Media and Conflict*.



Vitoria Paschoal Baldin¹

Resumo

Parte da série *Anthropology of media* lançada pela Berghahn Books, *Theorising Media and Conflict* editado por Philipp Budka e Birgit Bräuchler propõe oferecer novas abordagens agregando a perspectiva etnográfica e associando os campos quantitativos e qualitativos, para os estudos sobre as relações entre mídia e conflito. Oferecemos aqui uma breve resenha dessa obra, considerando suas profundas contribuições teóricas e metodológicas para diversos campos de estudos.

Palavras-chave: Mídia; Conflito; Antropologia;

Abstract

Part of the Anthropology of media series launched by Berghahn Books, *Theorising Media and Conflict* edited by Philipp Budka and Birgit Bräuchler proposes to offer new approaches by adding the ethnographic perspective and associating quantitative and qualitative fields, for studies on the relationship between media and conflict. We offer here a brief review of this work, considering its profound theoretical and methodological contributions to various fields of study.

Keywords: Media; Conflict; Anthropology;

¹ Mestranda em Ciências da Comunicação (PPGCOM-ECA) pela Universidade de São Paulo. Email: vitoria.baldin@unifesp.br

Theorising Media and Conflict editado por Philipp Budka e Birgit Bräuchler, publicado pela Berghahn Books em 2020 como parte da série *Anthropology of media* reúne antropólogos e estudiosos de comunicação, refletindo coletivamente sobre as relações entre mídia e conflito, oferecendo novas abordagens teóricas e metodológicas. O livro justifica sua relevância pela compreensão das relações complexas entre mídia e conflito, tendo em vista o crescente envolvimento do cotidiano em conflitos através das mais diversas expressões midiáticas. Dessa forma, a obra dialoga com o crescente campo de estudos sobre as relações entre mídia e conflito, articulado, especialmente, aos estudos de comunicação (ARNO, 2009; ZEITZOFF, 2011; MORTENSEN, 2015; BAILARD, 2015; CHOULIARAKI, 2015) e antropologia (SCHMIDT; SCHRÖDER, 2001; STROEKEN, 2011; SCHOEMAKER; STREMLAU, 2014; BARASSI, 2015; POSTIL, 2018).

O argumento central de *Theorising Media and Conflict* parte do entendimento da coconstrutividade da mídia e conflito, distintamente do entendimento deles como esferas separadas ou parte de causalidade unidirecional. A compreensão coconstrutiva se refere “à interligação da comunicação midiática e do conflito como um processo social e cultural”³ (BUDKA; BRÄUCHLER, 2020, p. 9), em que a guerra é compreendida como um importante fator na evolução de comunicação social e, em simultâneo, a mídia também produz efeitos diversos na organização e no desenvolvimento dos conflitos. Ou seja,

as novas tecnologias, formatos e práticas de mídia mudam as realidades vividas dos conflitos, participantes de conflitos e observadores de conflitos. Mas os conflitos também afetam a mídia, pois mudam a maneira como a mídia é definida, usada, adotada, adaptada, manipulada, integrada ou excluída. Os conflitos podem surgir na mídia e através dela, por exemplo, através da construção ou aplicação de limites de grupos ao longo de linhas étnicas ou religiosas. Mas como a mídia se tornou parte integrante de nossas vidas (conflitantes), isso torna impossível e bastante contraproducente qualquer distinção analítica clara entre mídia e atividades relacionadas a conflitos. (BUDKA; BRÄUCHLER, 2020, p. 10)

Assim, os autores apresentam diferentes perspectivas de mediação para focalizar em práticas e processos amplos e diversos relacionados à mídia em contextos conflituosos. Através de abordagens provenientes de estudos de casos de diversas localidades, a obra também contribui para perspectivas deciplinares e não-ocidentais dos estudos de mídia. Os editores mobilizam os resultados obtidos por Schoemaker e Stremlau (2014) para apontar que os estudos da área majoritariamente partem de vieses ocidentais através de suposições normativas, objetivando identificar o impacto da mídia nas situações de conflito,

simplificando as complexas relações presentes nesses escopos. Além disso, o livro agrega a pesquisa qualitativa ao campo predominantemente composto por estudos de natureza quantitativa².

Ainda que haja sub-representação, comparativamente, de pesquisas antropológicas etnograficamente fundamentadas, há um crescente número de pesquisas das ciências sociais que refletem sobre a mídia em contextos de conflito. O problema desse cenário, os editores apontam, decorre da falta de diálogo entre esses estudos, produzindo um isolamento teórico e metodológicos dos mesmos.

Theorising Media and Conflict propõe uma abordagem não-mediática e contextualizada do conflito, antropologicamente estruturada, das imbricações entre mídia e conflito, desconstruindo noções deterministas dos efeitos midiáticos nos diferentes conflitos que afligem o mundo contemporâneo. Ao conscientemente se distanciar de noções simplistas de tais relações, o foco está nas realidades vividas por meio de cuidadosos procedimentos metodológicos e articulações de distintas abordagens conceituais. As experiências vividas dos sujeitos comuns no cotidiano são exploradas em relação às práticas de mídia em contextos diversos, oferecendo ao leitor diferentes conhecimentos e abordagens metodológicas como o trabalho etnográfico de campo, observação participante e entrevistas qualitativas.

As plataformas de internet e, particularmente, mídias sociais, abrem uma nova frente de reflexão em que os usuários ocupam posição, em simultâneo, de público e produtor. A expansão dos conflitos contemporâneos para o ciberespaço tem recebido atenção acadêmica – no Brasil e internacionalmente –, apesar disso, Budka e Bräuchler apontam que abordagens etnográficas em conflitos específicos nesses espaços ainda se configuram uma exceção.

A obra é estruturada ao redor de sete temas, que organizam 14 capítulos, além da introdução e do posfácio. A parte I, *Key debates*, contém introdução, produzida por seus editores, e pelo primeiro capítulo, escrita por Nicole Stremlau, intitulado *Transforming Media and Conflict Research*. A introdução apresenta aos leitores os conceitos e entendimentos gerais que justificam a relevância e a pertinência da obra para os estudos de mídia e conflito, oferecendo uma importante contextualização do debate acadêmico contemporâneo sobre

² Tais trabalhos tendem a partir de estatísticas, modelagem ou sistemas de informação geográfica a analisar o conflito e a mídia, definindo os efeitos da mídia nas dinâmicas dos conflitos.

o tema. Stremlau, em seu capítulo, critica a maneira pela qual as empresas de tecnologia digital, como Facebook e Google, conectam – e desconectam – as diversas regiões em situação de conflito, tendo em vista que a autora comprehende que esses atores concentram seus esforços para regular desinformações inflamatórias e a comunicação da mídia a partir de uma lógica industrial neoliberal, ignorando a agência local e a realidade vívida do conflito.

A segunda parte, *witnessing conflict*, é composta pelos capítulos *Just a ‘Stupid Reflex’? Digital Witnessing of the Charlie Hebdo Attacks and the Mediation of Conflict*, de Johanna Sumiala, Minttu Tikka e Katja Valaskivi – que analisa a prática do testemunho digital através do estudo do caso de Jordi Mir, enfocando como as respostas na mídia digital moldaram os ataques ao Charlie Hebdo como um evento de mídia violento –, e *The Ambivalent Aesthetics and Perception of Mobile Phone Videos: A (De-)Escalating Factor for the Syrian Conflict*, de Mareike Meis – que apresenta e discute a percepção e experiência do conflito sírio através do consumo de vídeos desse panorama por sírios na Alemanha.

A parte III, *experiencing conflict*, compreende o quarto e o quinto capítulo, *Banal Phenomenologies of Conflict: Professional Media Cultures and Audiences of Distant Suffering*, produzido por Tim Markham, e *Learning to Listen: Theorising the Sounds of Contemporary Media and Conflict*, de Matthew Sumera, respectivamente. Markham se dedica a refletir sobre a noção de testemunho do sofrimento a partir da perspectiva de jornalistas do Cairo e de Beirute ao longo da guerra civil síria. Já Sumera aborda como os sons refletem o conflito contemporâneo e a violência cotidiana.

Mediated conflict language, a quarta parte da obra, engloba *Trolling and the Orders and Disorders of Communication in ‘(Dis)Information Society’*, escrito por Jonathan Paul Marshall, que analisa o fenômeno digital do *troll* nos contextos de conflito, e ‘*Your Rockets Are Late. Do We Get a Free Pizza?: Israeli-Palestinian Twitter Dialogues and Boundary Maintenance in the 2014 Gaza War*’, de Oren Livio, que se debruça sobre a utilização do Twitter por ativistas de esquerda israelense no diálogo com o Hamas em 2014 ao longo da guerra em Gaza.

Já a quinta parte, *sites of conflict*, articula artigos que estudam as relações entre local, conflito e mídia, em uma perspectiva de experiência. Ela engloba *What Violent Conflict Tells Us about Media and Place-Making (and Vice Versa): Ethnographic Observations from a Revolutionary Uprising*, em que Nina Grønlykke Mollerup reflete sobre a experiência de espaço ao longo das manifestações da primavera árabe no Cairo e *An Ayuujk ‘Media War’ over Water and Land: Mediatised Senses of Belonging between Mexico and the United States* que Ingrid Kummels analisa

como os influenciadores étnicos de Ayuujk se conectam a diversos públicos, estruturando novas formas de ativismo em relação à água e à terra.

A parte VI, *conflict across borders*, abarca *Transnationalising the Nagorno-Karabakh Conflict: Media Rituals and Diaspora Activism between California and the South Caucasus*, em que Rik Adriaans reflete sobre como a transmissão paralela de *broadcasts* concorrentes altera a política, o enquadramento e a escala do conflito de Karabakh, e *Stones Thrown Online: The Politics of Insults, Distance and Impunity in Congolese Polémique*, ao qual Katrien Pype investiga a emergente cultura de produção de textos violentos, os diatribes, na esfera comunicativa digital conguesa.

A última seção da obra, *after conflict*, compreende os capítulos de doze a quatorze. Em *Mending the Wounds of War: A Framework for the Analysis of the Representation of Conflict-Related Trauma and Reconciliation in Cinema*, Lennart Soberon, Kevin Smets e Daniel Biltreyest examinam como os traumas provenientes pela guerra são representados no cinema e sua contribuição nos discursos transnacionais de memória e luto. Silke Oldenburg em seu capítulo, *Going off the Record? On the Relationship between Media and the Formation of National Identity in Post-Genocide Rwanda*, examina o papel da mídia no pós-genocídio em Ruanda, entendendo os desafios e entendimentos dos profissionais do país atualmente. *From War to Peace in Indonesia: Transforming Media and Society*, de Birgit Bräuchler, oferece uma abordagem sobre como a mídia na Indonésia pode contribuir tanto para a fragmentação quanto para a unificação da sociedade, ilustrando como a sociedade e a mídia são interdependentes, em processos de conflito e de paz. O posfácio rediscute temas-chave para o livro, focalizando, também, em novas perspectivas de estudo em consonância com a abordagem da obra.

A obra contraria as noções que reduzem tais plataformas a arquivos de comportamento online, em perspectiva descontextualizada, negligenciando a experiência vivida dos sujeitos envolvidos em produzir, comunicar, receber, interpretar e manipular tais dados. Portanto, os diferentes estudos mobilizados nas obras enfatizam a necessidade de superar estruturas simplistas, observando as relações entre mídia e conflito como um processo amplo e negociado a partir de demandas e necessidades específicas, tendo em vista que as pessoas acessam e usam as tecnologias de maneiras diversas e por razões distintas. Ou seja, “para explorar essa diversidade de engajamentos midiáticos, é necessário olhar para as realidades vividas pelas pessoas, no nosso caso, as realidades do conflito” (BUDKA; BRÄUCHLER, 2020, p. 9).

Para além de justaposições entre mídia e conflito, a obra articula as diferentes realizadas socioculturais experienciadas no conflito, em que a mídia é parte integrante desse processo. Os autores são “céticos em relação à noção de ‘midiatização de conflitos’ no sentido de olhar ‘como a mídia faz as coisas com conflitos’” (BUDKA; BRÄUCHLER, 2020, p. 9), em entendimentos unidirecionais e causais.

Portanto, *Theorising Media and Conflict* é uma obra relevante para estudantes, pesquisadores e interessados em geral nas relações entre mídia, comunicação e conflito. Em que uma abordagem antropológica das relações coconstituintes entre mídia e conflito oferece ricas perspectivas sobre o cotidiano de diversas situações intimamente imbricadas por conflitos de diferentes naturezas. A obra, através de uma teorização vasta e cuidadosa articulada com metodologias qualitativas, contribui para desestruturar noções deterministas sobre esse campo de estudos, fornecendo reflexões sobre as práticas de mediação em perspectiva ampla.

Referências

- ARNO, A. *Alarming reports: Communicating conflict in the daily news*. Berghahn Books, 2009.
- BAILARD, C. S.. Ethnic conflict goes mobile: Mobile technology's effect on the opportunities and motivations for violent collective action. *Journal of Peace Research*, v. 52, n. 3, p. 323-337, 2015.
- BUDKA, P.; BRÄUCHLER, B.(Ed.). *Theorising Media and Conflict*. Nova York: Berghahn Books, 2020.
- CHOULIARAKI, L. Digital witnessing in conflict zones: The politics of remediation. *Information, Communication & Society*, v. 18, n. 11, p. 1362-1377, 2015.
- POSTILL, J. *The Rise of Nerd Politics: Digital Activism and Political Change*. Pluto Press: London, 2018.
- MORTENSEN, M. *Journalism and eyewitness images: Digital media, participation, and conflict*. Routledge, 2014.
- SCHMIDT, B.; SCHRÖDER, I. (Ed.). *Anthropology of violence and conflict*. London: Routledge, 2001.
- SCHOEMAKER, E.; STREMLAU, N. *Media and conflict: An assessment of the evidence*. Progress in Development Studies, v. 14, n. 2, p. 181-195, 2014.
- STROEKEN, K. (Ed.). *War, technology, anthropology*. Berghahn Books, 2011.
- ZEITZOFF, T. Using social media to measure conflict dynamics: An application to the 2008–2009 Gaza conflict. *Journal of Conflict Resolution*, v. 55, n. 6, p. 938-969, 2011.